

(S: 25.04.2017)

ACTA Nº 2/2017

--*Ata da Sessão Solene da Assembleia Municipal de Chamusca, realizada no dia vinte cinco de abril de dois mil e dezassete.* -----

--*Aos vinte cinco dias do mês de abril de dois mil e dezassete, pelas quinze horas, realizou-se a Sessão Solene Comemorativa do quadragésimo terceiro aniversário do 25 de Abril.* -----

-----**PRESENCAS**-----

--*Como é usual, considerou-se a presenças de todos os eleitos. A eventual ausência de alguns ocorreu por estarem noutros atos similares. Estiveram presentes da Câmara, o Senhor Presidente Dr. Paulo Jorge Mira Lucas Cegonho Queimado, a Senhora Vice-presidente Dr.ª Cláudia Patrícia Alves Moreira e os Senhores Francisco Manuel Petisca Matias, Aurelina Maria Conde Andrade e Rufino e Maria Manuela Luz Marques.* -----

-----**ORDEM DO DIA**-----

--**PONTO ÚNICO – QUADRAGÉSIMO TERCEIRO ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL.** -----

--*Iniciado a Sessão, Dr. Francisco José Gaspar Velez, Presidente desta Assembleia Municipal, saudou todos os presentes e começou por dar a palavra ao representante da Coligação Mais e Melhor, Fernando Manuel Duarte Garrido que apresentou em nome da sua bancada o discurso que se transcreve:* -----

--**“Ex. Mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal,** -----

--**Ex. Mo Sr. Presidente da Câmara Municipal,** -----

--**Ex. Mos Senhores Vereadores,** -----

--**Ex. Mos Senhores Membros da Assembleia Municipal,** -----

--Ex. Mo Representante da Igreja Católica no nosso Concelho -----

--Ex. Mas Senhoras e Senhores. -----

--Estamos aqui, hoje, mais uma vez, para comemorar o 25 de Abril. Neste caso o seu quadragésimo terceiro aniversário. Temos consciência que sem o 25 de Abril de 1974, seria impensável estarmos aqui como dignos eleitos representantes do povo do concelho da Chamusca. Há 43 anos, Portugal conhecia finalmente a liberdade que lhe fora negada durante quatro décadas e foi também há 43 anos que o país começava a perceber o significado afinal de viver em democracia. Revolução feita por militares a que se sucederam depois os políticos e as suas políticas. Eram eles os senhores que se seguiam – chegaram poucos dias depois. Era preciso reconstruir o país e trilhar um caminho novo. A revolução estava feita, começava o processo revolucionário. -----

--Nestes 43 anos vários foram os ciclos e vontades políticas e os interesses intrínsecos às próprias políticas. -----

--Longe vão os tempos das velhas ilusões coletivistas e dos ideais democráticos da época. O atual cenário social e laboral é marcado pelo individualismo, indiferença e por sentimentos de vulnerabilidade, de insegurança e de dependência numa desumanização alucinante e contrária aos ideais dos homens que fizeram abril e à própria essência humana. -----

--Hoje de democracia, por muito que nos custe ouvir, parece que temos apenas o nome porque nos atos recentes tem sido demonstrado que o interesse particular se sobrepôs ao interesse coletivo demonstrado através do enriquecimento ilícito, no tráfico de influências e na “vil vilagem” bancária. A democracia até serviu para que partidos se unissem e formassem um governo derrubando os democraticamente vencedores nas últimas eleições. -----

--Chegamos a um ponto de que não sabemos de que lado está a razão. Estamos a

festejar abril num dia, e nos atos diários ou seja nos outros 364 dias, esquecemos praticamente tudo. -----

--Hoje olhando para estes anos passados e especificamente para o nosso concelho, ressalvo aqui sem querer julgar nada nem ninguém, porque é pressuposto que todas as decisões foram tomadas com os conhecimentos à época, por isso seria fácil hoje dizer mal mas ressalvo não há aqui critica nenhuma, constata-se que perdemos cerca de 4500 habitantes no nosso concelho, as casas agrícolas “Pseudo Feudais” desapareceram, o sector económico secundário foi à falência. O sector económico primário, fruto da mecanização, deixou de dar a empregabilidade anterior. Criamos algumas empresas de serviços e vimos aumentar o investimento e o emprego público como tábua de salvamento. Durante várias décadas, com a decadência empresarial e a industrialização agrícola quase tudo orbitava à volta da Câmara Municipal, desde o emprego, aos cursos de formação às compras nas empresas familiares, com exceção de algumas áreas, nomeadamente a Parreira e a Carregueira, onde por um lado vimos a ocupação e desenvolvimento florestal e por outro a manutenção da pequena produção familiar agrícola e um aumento da construção civil. É no final do século passado e com o grande projeto do “Eco Parque” que o setor económico secundário volta a ser incrementado no nosso concelho, com todas as nuances, para o bem e para o mal, que transportam em si estas mesmas empresas temos que considerar que existem lados positivos e lados negativos. No entanto estas mesmas empresas são, grosso modo, responsáveis por uma empregabilidade superior a 600 postos de trabalho, temos consciência no que tem sido feito e que o Senhor Presidente tem tentado resolver alguns assuntos de acessos, nomeadamente com a Dra. Ana Freitas, que esteve

reunida há pouco tempo porque estamos com problemas graves de acessibilidades e de transportes. -----

--No entanto durante estes 43 anos em que a evolução no nosso concelho também dependia de nós preocupámo-nos demasiado com soluções a curto prazo e com a aparência e esquecemo-nos do essencial. A cultura das Festas e dos passeios, entre muitas outras atividades, foi e é de crucial importância, mas temos que ter a consciência que, estas surgem naturalmente e são resultantes da interatividade grupal e emergem do bem-estar das populações quando se verifica autossatisfação e amor pela própria terra, como já vimos no passado recente e sem ajudas “Públicas”. Aqui é inerente a empregabilidade do setor secundário da economia que deixamos desaparecer a nível local, ainda mais que a nível Nacional ao não apelar à sua manutenção e não apelando à vinda de novas empresas para o nosso concelho, fixando deste modo a população essencialmente jovem e retirando os dividendos a longo prazo dessa filosofia. -----

--Em 1981 eramos 13.135 habitantes, em 2001 11.492 e em 2011 10.120 habitantes. Ou seja: entre 2001 e 2011, apenas 20 anos, perdemos 3.015 habitantes, associando-se assim um despovoamento de 151 habitantes ano. -----

*--Centremo-nos nos últimos sete anos. Ou seja, ao período de 2009 a 2016. -----
Eramos, residentes em 2009, 10358 e somos em 2016, aproximadamente 9585. Seria fácil dizer que perdemos 773 habitantes, mas não entre os habitantes efetivamente e tendo em conta os óbitos e os nascimentos essa cifra de despovoamento situa-se nos de 432 habitantes, neste período. Ou seja: continuamos a sair do nosso concelho como sempre o fizemos, mas em menor número, mas esta diminuição no despovoamento estará sempre relacionada com o envelhecimento da população, porque cada vez nascemos menos e pela alguma empregabilidade gerada pelo que foi criado no final do*

século passado “Eco Parque”, que desde o início deste século veio contribuir e a inverter este despovoamento, de realçar essencialmente os mais formados e os mais jovens que inevitavelmente estavam a sair, confirmando que a instalação de empresas é o caminho que se devia, se deve e se deverá seguir no nosso concelho para minimizar este fenómeno e aumentar a nossa produtividade. -----

--Poderemos e devemos questionar-nos sobre a essência destes números, o que se passou no nosso concelho nestes últimos 43 anos e sobre o nosso grau de culpabilidade, de todos nós, por toda esta situação: o que fizemos e o que poderíamos ou deveríamos ter feito. Será que estávamos preparados para as dificuldades e para defender os interesses das nossas populações? Será que estamos realmente a conseguir inverter esta situação? Deveremos continuar filosofias de “subsídio dependência”? São perguntas inerentes ao desenvolvimento e que se devem pensar no investimento. Temos que estar atentos aos interesses particulares e aos interesses grupais, aos interesses que preferem o enriquecimento pessoal ou de pequenos grupos em vez do coletivo. É imperativo estar atento e ativo e observar aqueles que demonstram não querer objetivamente nada e que no fundo querem subjetivamente tudo. Não traçámos objetivos e parece que deixámos que os interesses subjetivos, individuais ou grupais, navegassem e transmitissem a mensagem de que tudo parece estar bem. -----

--O não querer objetivamente nada e querer subjetivamente tudo, implica por um lado que o não querer objetivamente nada se tratasse como uma droga, estamos dependentes, porque isto da desilusão só a tem quem a gerou. Esta busca permanente do desnecessário é a porta permanentemente aberta para a infelicidade abre caminho aos que querem subjetivamente tudo o não querer objetivamente nada não implica

necessariamente o querer subjetivamente tudo, o preço da liberdade temporal poderá ser incompreensível para quem está noutra frequência porque não consegue ver, nem faz parte da sua abertura espirita a visão do tempo e o amor pelo próximo deixando de ter tempo para o tempo centrado no necessário e desvirtuado do essencial. Estamos numa fase do tempo em que assistimos a grupos de cordeiros a comerem à mesa com os lobos, a grupo traídos unidos a traidores na defesa intransigente dos seus queridos e únicos interesses, esta postura social em que aparece e impera o interesse denominado de grupos ou sociedades secretas nega e é contrária ao movimento de Abril. -----

--Ao comemorar esta data devemos estar conscientes e empenhados na concretização e construção de uma sociedade mais justa em que a política volte a estar ao serviço do bem-estar dos cidadãos e não submetida ao poder económico da geofinança e aos interesses de grupos, qualquer que eles sejam. Para que se cumpra abril, não são necessárias flores, palavras de ordem e discursos. Para que se cumpra abril basta que em cada um de nós resida em 365 dias por ano o sentimento democrático, colocando o interesse coletivo acima do interesse individual ou grupal. -----

--Àqueles que perfilham interesses contrários à filosofia dos que lutam por Abril, não contem comigo para camuflar ou silenciar o que quer que seja e tal como José Régio escreve no seu poema Cântico Negro digo: -----

--Quando me dizem: "vem por aqui!" -----

--Respondo -----

--"Não, não vou por aí! Só vou por onde -----

--Me levam meus próprios passos..." -----

--E acrescento -----

--Vou por onde a minha ética, a minha honra e deontologia me levam na defesa dos ideais dos Homens que fizeram o 25 de Abril. -----

--*Viva o 25 de Abril* -----

--*Vivam os ideais de Abril* -----

--*Viva Portugal*” -----

--*Agradecendo a intervenção do representante da referida Coligação o Senhor Presidente da Mesa concedeu a palavra à bancada da CDU, passando o Eleito José Braz a fazer a seguinte dissertação:* -----

-----*SESSÃO SOLENE DO 25 DE ABRIL, 2017* -----

--*“Ex. mos Senhores,* -----

--*Presidente da Assembleia Municipal,* -----

--*Senhores Deputados Municipais,* -----

--*Senhor Presidente da Câmara Municipal,* -----

--*Senhores Vereadores,* -----

--*Caros Municípes,* -----

--*Estamos aqui hoje para comemorar, mais uma vez, a Revolução do 25 de Abril de 1974, que permitiu ao povo Português emergir de um longo período de ditadura e restabelecer direitos, as liberdades e as garantias sociais e implantar um regime democrático com amplos reflexos no desenvolvimento do País e do poder local.* -----

--*A Revolução do 25 de Abril permitiu difundir os valores democráticos como a liberdade de expressão, a abolição da censura, a liberdade de reunião e a mobilização da sociedade para o desenvolvimento social, cultural e cívico, valores fundamentais à construção de uma sociedade livre e democrática. Estes valores surgem nos nossos dias como um dado adquirido, mas que estão a ser ameaçados com mudanças que estão a ocorrer no mundo global, ao serviço de interesses políticos e financeiros*

transnacionais. -----

--A Revolução de Abril constituiu uma realidade da vontade popular, uma afirmação de liberdade, de emancipação social e de independência nacional, que sempre contou com o estímulo e o empenhamento de democratas, de lutadores antifascistas, militantes de partidos políticos democráticos ou cidadãos independentes em geral, que constituíram e constituem movimentos e forças de ação política, como é o caso da CDU. -----

--O papel destas forças políticas na Revolução de Abril e na fundação do regime democrático inscreve-se como um dos maiores feitos da sua história e do povo português. -----

--A CDU, ao longo destes anos, esteve sempre no terreno ao serviço das populações, principalmente no poder local. -----

--No Concelho da Chamusca trabalhou na construção de uma rede de serviços públicos e de infra-estruturas, como muitas das populações de concelhos vizinhos ainda hoje não dispõem, ou que estão apenas concentrados nos centros urbanos de maior densidade populacional. -----

--A rede escolar, as extensões de saúde, o abastecimento de água canalizada, a rede de saneamento básico, a rede viária que liga todas as localidades do concelho, o apoio ao movimento associativo, à cultura, ao desporto, entre outras, constituíram prioridades no trabalho realizado ao serviço das populações das freguesias do Concelho, em igualdade de circunstâncias, trabalhando para o desenvolvimento global do nosso Concelho. -----

--Este trabalho representou um progresso real da nossa sociedade e mostrou conter em si a força e as potencialidades necessárias para empreender a eliminação de muitas das mais graves desigualdades e injustiças sociais que grassavam, então existentes,

contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática. Estas grandes conquistas sociais criaram condições para o desenvolvimento económico, social, político e cultural, conforme com a situação, os interesses, as necessidades e as aspirações do povo. -----

--Estas realizações/conquistas foram fruto do regime democrático resultante da Revolução do 25 de Abril de 1974, cuja suprema aspiração era a construção de uma democracia avançada, rumo a uma sociedade mais justa, mais livre e mais democrática. -----

--Apesar das suas aquisições históricas, muitas das conquistas do 25 de Abril foram entretanto destruídas por sucessivos governos que incrementaram políticas de direita, contrárias aos interesses dos trabalhadores e do povo, com maior reflexo nas regiões do interior do país, criando assimetrias regionais e desigualdades de oportunidades, nos serviços de justiça, da saúde e da educação, com o encerramento de serviços públicos essenciais às populações. -----

--A Comemoração do 25 Abril não se pode fazer um dia por ano. Comemorar Abril é defender e aprofundar as suas conquistas económicas, sociais, culturais e políticas, em cada dia, nos locais de trabalho, nas autarquias locais, nas associações, na nossa comunidade, através da participação cívica. -----

--Comemorar Abril não é fazer o apelo ao voto de quatro em quatro anos. Comemorar Abril é lutar todos os dias por um futuro melhor para as nossas populações. -----

--Comemorar Abril é estar presente, é participar na comunidade, é apontar caminhos e alertar os poderes instituídos, é questionar e contribuir de forma positiva para construir um mundo melhor, mais justo, com mais saúde e melhor educação. -----

--São estes os valores que nos orientam e nos motivam para acreditarmos no futuro. A CDU tem sido uma referência na realização do poder local democrático. Com a sua intervenção, os homens e mulheres da CDU, com trabalho, honestidade e competência, têm contribuído para o desenvolvimento do país, de norte a sul, no continente e nas ilhas, com o seu trabalho político a nível nacional e a nível autárquico. As suas propostas e realizações políticas são um património de trabalho realizado nas autarquias locais. -----

--A CDU, alicerçada nos valores do 25 de Abril, está empenhada na luta pelos seus ideais e pretende continuar o seu projeto político ao lado dos trabalhadores e do povo, por um mundo melhor e com maior justiça social. -----

--Viva o 25 de Abril! -----

--Viva o Concelho da Chamusca!” -----

--Agradecendo a intervenção do representante da bancada da CDU, o Senhor Presidente da Mesa deu a palavra ao Senhor Presidente da Câmara Municipal que fez a sua intervenção: -----

--“Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal -----

--Ex.mos Srs. Membros da Assembleia Municipal -----

--Ex.mos Srs. Presidentes de Junta -----

--Ex.mo Sr. Padre -----

--Caríssimos Vereadores -----

--Caros Munícipes -----

--Hoje é o dia de evocar os Capitães de Abril e todos aqueles que há 43 anos, neste mesmo dia, tiveram a coragem de dizer não ao regime mas também tiveram a coragem de dizer sim à mudança. -----

--Muito além do enquadramento histórico-social que este dia representa há que fazer

uma reflexão sobre e o caminho que foi tomado, as consequências que daí advieram e a responsabilidade que todos os dias nós, enquanto autarcas e cidadãos temos perante aqueles que acreditaram em nós durante todos estes anos para tomar conta dos destinos do Concelho da Chamusca. -----

--Não são raras as vezes que ouvimos que, para muitos jovens, o 25 de Abril não tem significado. O argumentário é de que Abril, o 25 de Abril, só tem um verdadeiro significado para quem o viveu e traz no coração esse dia. -----

--Eu, enquanto cidadão nascido no pós 25 de abril, não posso concordar com essa ideia, pois defendo que todos nós, de uma maneira ou de outra, temos muito em comum com os que tornaram a liberdade possível em Portugal. Todos nós, mesmo os que nasceram depois da revolução, lutamos para manter esses direitos lutamos para manter esses direitos conquistados e manifestamos o nosso desagrado quando os mesmos não são cumpridos. -----

--A verdade é que esta geração de jovens tem a plena consciência que, graças a este dia, podemos hoje estar aqui, ter a liberdade de pensar, de participar e discordar. Sim, nascemos e crescemos em liberdade. Crescemos com os valores de Abril de Democracia, de Paz e de Justiça Social. -----

--Devemos este mesmo momento de liberdade de expressão a todos aqueles que não tiveram medo de arriscar as próprias vidas pela Democracia no nosso País. Mas também o devemos a todos aqueles que, ao longo dos últimos 43 anos tudo têm feito para manter a Liberdade e a Democracia conquistada. -----

--O 25 de Abril de 74 foi o início do longo processo para as primeiras eleições livres em Portugal, que tiveram lugar a 12 de dezembro de 1976: as eleições fundadoras do

Poder Local Democrático. -----

--Ao longo destes 40 anos, foram milhares as mulheres e os homens que construíram um Poder Local forte, que tem sido o grande pilar de coesão económica, social e territorial do País. -----

--A ação do Poder Local Democrático foi determinante para a qualificação do território, num contributo determinante para o aumento da qualidade de vida das populações. -----

--Hoje, precisamos de um Poder Local mais forte, com o conhecimento real do território, das suas gentes, dos seus recursos endógenos, sempre com o horizonte do desenvolvimento local, a nível económico, social, cultural, desportivo, da segurança e da qualidade de vida das pessoas... precisamos dar resposta mas às necessidades reais do nosso território. -----

--Hoje, apenas com a participação responsável de todos os quadrantes políticos representados nos órgãos do Concelho, temos conseguido reunir consensos, e uma forte vontade de crescimento económico e social do nosso Concelho. Da minha parte, enquanto Presidente da Câmara, quero fazer publicamente aqui um agradecimento ao executivo da Câmara Municipal pela confiança na liderança deste órgão, contribuindo sempre para a diminuição das assimetrias territoriais, e para o crescimento económico e social do concelho. -----

--Tal como os valores de Abril, sabemos que, se os nossos propósitos forem sempre nobres, o futuro que nos está reservado será também ele próprio um reflexo inquestionável do amor, do empenho da dedicação que nos liga ao nosso concelho e ao nosso País. O País, o Concelho e as Freguesias, necessitam urgentemente destes sentimentos para fazer aumentar o crescimento de confiança política e social do nosso território. -----

--É tempo de reforçar o nosso futuro, com partilha e lealdade para com todos aqueles que confiaram o seu destino nas nossas mãos e de fazer acontecer abril. -----

--Hoje é o tempo de liberdade e de continuarmos juntos a construir futuro. -----

--Viva o 25 de Abril -----

--Viva a Liberdade -----

--Viva o Concelho da Chamusca” -----

--Terminadas as intervenções o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Dr. Francisco José Velez, fez a sua dissertação: -----

--“Senhor Primeiro Secretário da Mesa da Assembleia Municipal, -----

--Senhores Deputados Municipais, -----

--Senhor Presidente da Câmara, -----

--Senhores Vereadores, -----

--Minhas Senhoras e meus Senhores, -----

--Permitam-me que transforme a informalidade num ato formal e que aproveite a oitava vez que estou aqui neste palanque para me despedir exatamente desta função, ou seja será a última vez que estou aqui na qualidade de Presidente da Mesa da Assembleia Municipal nas comemorações do 25 de Abril. -----

--Em primeiro lugar tenho que agradecer, fazer aqui alguns agradecimentos, agradecer a quem depositou alguma confiança em mim para encabeçar uma lista, quer em 2009 quer em 2013, em segundo lugar e logicamente não menos importante agradecer aos eleitores que com o voto e através do voto depositaram, não só em mim mas em todos os que aqui estão e estiveram em 2009, alguma confiança e nos deram alguma responsabilidade para os representar. -----

--Em terceiro lugar agradecer aos meus colegas, a todos sem exceção, durante estes oito anos dentro da Assembleia Municipal, não só aqueles que me elegeram enquanto Presidente por duas vezes mas a todos, tenho a certeza absoluta que de todos vós e em quase todos vós, podia haver uma ou outra exceção já agora não faltaria, mas que ficarei aqui com amigos para o resto da vida, alguns já os tinha e outros garantidamente irão ficar. -----

--E em quarto lugar permitam-me individualizar um bocadinho e reconhecer a competência e a lealdade da Ana Isabel Tanoeiro que trabalhou comigo ao longo destes oito anos, foi sem dúvida uma pessoa extraordinária e é um garante de que quem vier a seguir a mim estará muito bem servido na coordenação dos serviços da Assembleia Municipal. -----

--Agora permitam-me que não faça um discurso e que leia um poema, um poema um bocadinho exaustivo mas talvez valha a pena e como é a última vez que aqui estou permitam-me já que durante tanta vez poupei tanto tempo nesta Assembleia Municipal que ficasse com algum bónus para hoje puder explicar mais um bocadinho”. -----

--Assim apresentou o Senhor Presidente da Assembleia Municipal um poema de José Carlos Ary dos Santos de 1975: -----

--“Era uma vez um País -----

--onde entre o mar e a guerra -----

--vivia o mais infeliz -----

--dos povos à beira-terra. -----

--Onde entre vinhas sobredos -----

--vales socalcos searas -----

--serras atalhos veredas -----

--lezírias e praias claras -----

--um povo se debruçava -----
--como um vime de tristeza -----
--sobre um rio onde mirava -----
--a sua própria pobreza. -----

--Era uma vez um país -----
--onde o pão era contado -----
--onde quem tinha a raiz -----
--tinha o fruto arrecadado -----
--onde quem tinha o dinheiro -----
--tinha o operário algemado -----
--onde suava o ceifeiro -----
--que dormia com o gado -----
--onde tossia o mineiro -----
--em Aljustrel ajustado -----
--onde morria primeiro -----
--quem nascia desgraçado. -----

--Era uma vez um país -----
--de tal maneira explorado -----
--pelos consórcios fabris -----
--pelo mando acumulado -----
--pelas ideias nazis -----

--*pelo dinheiro estragado* -----
--*pelo dobrar da cerviz* -----
--*pelo trabalho amarrado* -----
--*que até hoje já se diz* -----
--*que nos tempos do passado* -----
--*se chamava esse país* -----
--*Portugal suicidado.* -----

--*Ali nas vinhas sobredos* -----
--*vales socalcos searas* -----
--*serras atalhos veredas* -----
--*lezírias e praias claras* -----
--*vivia um povo tão pobre* -----
--*que partia para a guerra* -----
--*para encher quem estava podre* -----
--*de comer a sua terra.* -----

--*Um povo que era levado* -----
--*para Angola nos porões* -----
--*um povo que era tratado* -----
--*como a arma dos patrões* -----
--*um povo que era obrigado* -----
--*a matar por suas mãos* -----
--*sem saber que um bom soldado* -----
--*nunca fere os seus irmãos.* -----

--*Ora passou-se porém* -----
--*que dentro de um povo escravo* -----
--*alguém que lhe queria bem* -----
--*um dia plantou um cravo.* -----

--*Era a semente da esperança* -----
--*feita de força e vontade* -----
--*era ainda uma criança* -----
--*mas já era a liberdade.* -----

--*Era já uma promessa* -----
--*era a força da razão* -----
--*do coração à cabeça* -----
--*da cabeça ao coração.* -----
--*Quem o fez era soldado* -----
--*homem novo capitão* -----
--*mas também tinha a seu lado* -----
--*muitos homens na prisão.* -----

--*Esses que tinham lutado* -----
--*a defender um irmão* -----
--*esses que tinham passado* -----

--o horror da solidão -----

--esses que tinham jurado -----

--sobre uma côdea de pão -----

--ver o povo libertado -----

--do terror da opressão. -----

--Não tinham armas é certo -----

--mas tinham toda a razão -----

--quando um homem morre perto -----

--tem de haver distanciação -----

--Uma pistola guardada -----

-- - as dobras da sua opção -----

--uma bala disparada -----

--contra a sua própria mão -----

--e uma força perseguida -----

--que na escolha do mais forte -----

--faz com que a força da vida -----

--seja maior do que a morte. -----

--Quem o fez era soldado -----

--homem novo capitão -----

--mas também tinha a seu lado -----

--muitos homens na prisão. -----

--*Posta a semente do cravo* -----

--*começou a floração* -----

--*do capitão ao soldado* -----

--*do soldado ao capitão.* -----

--*Foi então que o povo armado* -----

--*percebeu qual a razão* -----

--*porque o povo despojado* -----

--*lhe punha as armas na mão.* -----

--*Pois também ele humilhado* -----

--*em sua própria grandeza* -----

--*era soldado forçado* -----

--*contra a pátria portuguesa.* -----

--*Era preso e exilado* -----

--*e no seu próprio país* -----

--*muitas vezes estrangulado* -----

--*pelos generais senis.* -----

--*Capitão que não comanda* -----

--*não pode ficar calado* -----

--*é o povo que lhe manda* -----

--ser capitão revoltado -----

--é o povo que lhe diz -----

--que não ceda e não hesite -----

-- - Pode nascer um País -----

--do ventre duma chaimite. -----

--Porque a força bem empregue -----

--contra a posição contrária -----

--nunca oprime nem persegue -----

-- - É força revolucionária! -----

--Foi então que Abril abriu -----

--as portas da claridade -----

--e a nossa gente invadiu -----

--a sua própria cidade. -----

--Disse a primeira palavra -----

--na madrugada serena -----

--um poeta que cantava -----

--o povo é quem mais ordena. -----

--E então por vinhas sobredos -----

--vales socalcos searas -----

--serras atalhos veredas -----

--lezírias e praias claras -----

--desceram homens sem medo -----

--marujos soldados «páras» -----
--que não queriam o degredo -----
--dum povo que se separa. -----
--E chegaram à cidade -----
--onde os monstros se acoitavam -----
--era a hora da verdade -----
--para as hienas que mandavam -----
--a hora da claridade -----
--para os sóis que despontavam -----
--e a hora da vontade -----
--para os homens que lutavam. -----

--Em idas vindas esperas -----
--encontros esquinas e praças -----
--não se pouparam as feras -----
--arrancaram-se as mordanças -----
--e o povo saiu à rua -----
--com sete pedras na mão -----
--e uma pedra de lua -----
--no lugar do coração. -----

--Dizia soldado amigo -----
--meu camarada e irmão -----

--este povo está contigo -----

--nascemos do mesmo chão -----

--trazemos a mesma chama -----

--temos a mesma ração -----

--dormimos na mesma cama -----

--comendo do mesmo pão. -----

--Camarada e meu amigo -----

--soldadinho ou capitão -----

--este povo está contigo -----

--a malta dá-te razão. -----

--Foi esta força sem tiros -----

--de antes quebrar que torcer -----

--esta ausência de suspiros -----

--esta fúria de viver -----

--este mar de vozes livres -----

--sempre a crescer a crescer -----

--que das espingardas fez livros -----

--para aprendermos a ler -----

--que dos canhões fez enxadas -----

--para lavrarmos a terra -----

--e das balas disparadas -----

--apenas o fim da guerra. -----

--Foi esta força viril -----

--de antes quebrar que torcer -----
--que em vinte e cinco de Abril -----

--Fez Portugal renascer. -----

--E em Lisboa capital -----
--dos novos mestres de Aviz -----
--o povo de Portugal -----
--deu o poder a quem quis. -----

--Mesmo que tenha passado -----
--às vezes por mãos estranhas -----
--o poder que ali foi dado -----
--saiu das nossas entranhas. -----
--Saiu das vinhas sobredos -----
--vales socalcos searas -----
--serras atalhos veredas -----
--lezírias e praias claras -----
--onde um povo se curvava -----
--como um vime de tristeza -----
--sobre um rio onde mirava -----
--a sua própria pobreza. -----

--E se esse poder um dia -----
--o quiser roubar alguém -----
--não fica na burguesia -----
--volta à barriga da mãe. -----
--Volta à barriga da terra -----
--que em boa hora o pariu -----
--agora ninguém mais cerra -----
--as portas que Abril abriu. -----

--Essas portas que em Caxias -----
--se escancararam de vez -----
--essas janelas vazias -----
--que se encheram outra vez -----
--e essas celas tão frias -----
--tão cheias de sordidez -----
--que espreitavam como espias -----
--todo o povo português. -----

--Agora que já floriu -----
--a esperança na nossa terra -----
--as portas que Abril abriu -----
--nunca mais ninguém as cerra. -----

--Contra tudo o que era velho -----
--levantado como um punho -----

--em Maio surgiu vermelho -----

--o cravo do mês de junho. -----

--Quando o povo desfilou -----

--nas ruas em procissão -----

--de novo se processou -----

--a própria revolução. -----

--Mas eram olhos as balas -----

--abraços punhais e lanças -----

--enamoradas as alas -----

--dos soldados e crianças. -----

--E o grito que foi ouvido -----

--tantas vezes repetido -----

--dizia que o povo unido -----

--jamais seria vencido. -----

--Contra tudo o que era velho -----

--levantado como um punho -----

--em maio surgiu vermelho -----

--o cravo do mês de Junho. -----

--E então operários mineiros -----
--pescadores e ganhões -----
--marçanos e carpinteiros -----
--empregados dos balcões -----
--mulheres a dias pedreiros -----
--reformados sem pensões -----
--dactilógrafos carteiros -----
--e outras muitas profissões -----
--souberam que o seu dinheiro -----
--era presa dos patrões. -----

--A seu lado também estavam -----
--jornalistas que escreviam -----
--actores que se desdobravam -----
--cientistas que aprendiam -----
--poetas que estrebuchavam -----
--cantores que não se vendiam -----
--mas enquanto estes lutavam -----
--é certo que não sentiam -----
--a fome com que apertavam -----
--os cintos dos que os ouviam. -----
--Porém cantar é ternura -----
--escrever constrói liberdade -----
--e não há coisa mais pura -----
--do que dizer a verdade. -----

--*E uns e outros irmanados* -----
--*na mesma luta de ideais* -----
--*ambos sectores explorados* -----
--*ficaram partes iguais.* -----

--*Entanto não descansavam* -----
--*entre pragas e perjúrios* -----
--*agulhas que se espetavam* -----
--*silêncios boatos murmúrios* -----
--*risinhos que se calavam* -----
--*palácios contra tugúrios* -----
--*fortunas que levantavam* -----
--*promessas de maus augúrios* -----
--*os que em vida se enterravam* -----
--*por serem falsos e espúrios* -----
--*maiorais da minoria* -----
--*que diziam silenciosa* -----
--*e que em silêncio fazia* -----
--*a coisa mais horrorosa:* -----
--*minar como um sinapismo* -----
--*e com ordenados régios* -----
--*o alvor do socialismo* -----
--*e o fim dos privilégios.* -----

--Foi então se bem vos lembro -----

--que sucedeu a vindima -----

--quando pisámos Setembro -----

--a verdade veio acima. -----

--E foi um mosto tão forte -----

--que sabia tanto a Abril -----

--que nem o medo da morte -----

--nos fez voltar ao redil. -----

--Ali ficámos de pé -----

--juntos soldados e povo -----

--para mostrarmos como é -----

--que se faz um país novo. -----

--Ali dissemos não passa! -----

--E a reacção não passou. -----

--Quem já viveu a desgraça -----

--odeia a quem desgraçou. -----

--Foi a força do Outono -----

--mais forte que a Primavera -----

--que trouxe os homens sem dono -----

--de que o povo estava à espera. -----

--Foi a força dos mineiros -----
--pescadores e ganhões -----
--operários e carpinteiros -----
--empregados dos balcões -----
--mulheres a dias pedreiros -----
--reformados sem pensões -----
--dactilógrafos carteiros -----
--e outras muitas profissões -----
--que deu o poder cimeiro -----
--a quem não queria patrões. -----

--Desde esse dia em que todos -----
--nós repartimos o pão -----
--é que acabaram os bodos -----
-- - Cumpriu-se a revolução. -----

--Porém em quintas vivendas -----
--palácios e palacetes -----
--os generais com prebendas -----
--caciques e cacetetes -----
--os que montavam cavalos -----
--para caçarem veados -----

--os que davam dois estalos -----
--na cara dos empregados -----
--os que tinham bons amigos -----
--no consórcio dos sabões -----
--e coçavam os umbigos -----
--como quem coça os galões -----
--os generais subalternos -----
--que aceitavam os patrões -----
--os generais inimigos -----
--os generais garanhões -----
--teciam teias de aranha -----
--e eram mais camaleões -----
--que a lombriga que se amanha -----
--com os próprios cagalhões. -----
--Com generais desta apanha -----
--já não há revoluções. -----

--Por isso o onze de Março -----
--foi um baile de Tartufos -----
--uma alternância de terços -----
--entre ricos e bufos. -----

--E tivemos de pagar -----
--com o sangue de um soldado -----
--o preço de já não estar -----

--Portugal suicidado. -----

--Fugiram como cobardes -----

--e para terras de Espanha -----

--os que faziam alardes -----

--dos combates em campanha. -----

--E aqui ficaram de pé -----

--capitães de pedra e cal -----

--os homens que na Guiné -----

--aprenderam Portugal. -----

--Os tais homens que sentiram -----

--que um animal racional -----

--opõe àqueles que o firam -----

--consciência nacional. -----

--Os tais homens que souberam -----

--fazer a revolução -----

--porque na guerra entenderam -----

--o que era a libertação. -----

--Os que viram claramente -----

--e com os cinco sentidos -----

--morrer tanta, tanta gente -----

--que todos ficaram vivos. -----

--Os tais homens feitos de aço -----

--temperado com a tristeza -----

--que envolveram num abraço -----

--toda a história portuguesa. -----

--Essa história tão bonita -----

--e depois tão maltratada -----

--por quem herdou a desdita -----

--da história colonizada. -----

--Dai ao povo o que é do povo -----

--pois o mar não tem patrões. -----

-- - Não havia estado novo -----

--nos poemas de Camões! -----

--Havia sim a lonjura -----

--e uma vela desfraldada -----

--para levar a ternura -----

--à distância imaginada. -----

--Foi este lado da história -----

--que os capitães descobriram -----
--que ficará na memória -----
--das naus que de Abril partiram -----

--das naves que transportaram -----
--o nosso abraço profundo -----
--aos povos que agora deram -----
--novos países ao mundo. -----

--Por saberem como é -----
--ficaram de pedra e cal -----
--capitães que na Guiné -----
--descobriram Portugal. -----

--E em sua pátria fizeram -----
--o que deviam fazer: -----
--ao seu povo devolveram -----
--o que o povo tinha a haver: -----
--Bancos seguros petróleos -----
--que ficarão a render -----
--ao invés dos monopólios -----
--para o trabalho crescer. -----
--Guindastes portos navios -----

--e outras coisas para erguer -----
--antenas centrais e fios -----
--dum país que vai nascer. -----

--Mesmo que seja com frio -----
--é preciso é aquecer -----
--pensar que somos um rio -----
--que vai dar onde quiser -----

--Pensar que somos um mar -----
--que nunca mais tem fronteiras -----
--e havemos de navegar -----
--de muitíssimas maneiras. -----

--No Minho com pés de linho -----
--no Alentejo com pão -----
--no Ribatejo com vinho -----
--na Beira com requeijão -----
--e trocando agora as voltas -----
--ao vira da produção -----
--no Alentejo bolotas -----
--no Algarve maçapão -----
--vindimas no Alto Douro -----
--tomates em Azeitão -----
--azeite da cor do ouro -----

--que é verde ao pé do Fundão -----
--e fica amarelo puro -----
--nos campos do Baleizão. -----
--Quando a terra for do povo -----
--o povo deita-lhe a mão! -----

--É isto a reforma agrária -----
--em sua própria expressão: -----
--a maneira mais primária -----
--de que nós temos um quinhão -----
--da semente proletária -----
--da nossa revolução. -----

--Quem a fez era soldado -----
--homem novo capitão -----
--mas também tinha a seu lado -----
--muitos homens na prisão. -----

--De tudo o que Abril abriu -----
--ainda pouco se disse -----
--um menino que sorriu -----
--uma porta que se abrisse -----
--um fruto que se expandiu -----

--um pão que se repartisse -----
--um capitão que seguiu -----
--o que a história lhe predisse -----
--e entre vinhas sobredos -----
--vales socalcos searas -----
--serras atalhos veredas -----
--lezírias e praias claras -----
--um povo que levantava -----
--sobre um rio de pobreza -----
--a bandeira em que ondulava -----
--a sua própria grandeza! -----
--De tudo o que Abril abriu -----
--ainda pouco se disse -----
--e só nos faltava agora -----
--que este Abril não se cumprisse. -----

--Só nos faltava que os cães -----
--viesses ferrar o dente -----
--na carne dos capitães -----
--que se arriscaram na frente. -----

--Na frente de todos nós -----
--povo soberano e total -----
--que ao mesmo tempo é a voz -----
--e o braço de Portugal. -----

--Ouvi banqueiros fascistas -----
--agiotas do lazer -----
--latifundiários machistas -----
--balofos verbos de encher -----
--e outras coisas em istas -----
--que não cabe dizer aqui -----
--que aos capitães progressistas -----
--o povo deu o poder! -----
--E se esse poder um dia -----
--o quiser roubar alguém -----
--não fica na burguesia -----
--volta à barriga da mãe! -----
--Volta à barriga da terra -----
--que em boa hora o pariu -----
--agora ninguém mais cerra -----
--as portas que Abril abriu! -----
--Lisboa, Julho-Agosto de 1975” -----

----*Os documentos de suporte da presente Sessão bem como o ficheiro áudio, como é usual, ficam arquivados para eventuais consultas. O ficheiro áudio está denominado “Sessão Solene do 25 de Abril de 2017” -----*

--Nada mais ocorrendo, deu-se por encerrada a Sessão Solene da qual se lavrou a presente Ata que, conjuntamente com o Senhor Presidente da Mesa, passo a assinar. -



